
TERRITORIALIDADE FLUTUANTE - O CASO DO LAGO URBANO DE TEFÉ NO AMAZONAS

FLOATING TERRITORIALITY - THE CASE OF THE URBAN LAKE OF TEFÉ IN AMAZONAS

Kristian Oliveira de Queiroz¹

<http://orcid.org/0000-0002-3071-4552>

<http://lattes.cnpq.br/8480733973437518>

Recebido em: 17 de abril de 2021

Aceito em: 02 de agosto de 2021

RESUMO: Este artigo visa compreender e discutir o papel dos flutuantes do lago urbano de Tefé para o desenvolvimento regional e a integração territorial da região do Solimões no Amazonas. Primeiramente, discute-se o lago urbano de Tefé enquanto subespaço fluvial apropriado à rede urbana regional proporcionando uma urbanidade fluvial. Em seguida, realiza-se a mensuração das estruturas flutuantes bem como a identificação de suas funções no lago. Este estudo permite compreender a dinâmica de uma territorialidade flutuante que viabiliza uma produtividade espacial relativa com impactos sociais e econômicos significativos nesta fração periférica da formação socioespacial brasileira.

Palavras-chave: Territorialidade flutuante; Lago urbano; Tefé.

ABSTRACT: This article aims to understand and discuss the role of the floating houses of the urban lake of Tefé for the regional development and territorial integration of the Solimões region in the Amazonas. First, the urban lake of Tefé is discussed as a river subspace integrated to the regional urban network providing a river urbanity. Then, the floating structures are quantified and their functions identified in the lake. This study allows to understand the dynamics of a floating territoriality that enables a relative spatial productivity with significant social and economic impacts in this peripheral fraction of Brazilian social and spatial formation.

Keywords: Floating territoriality; Urban lake; Tefé.

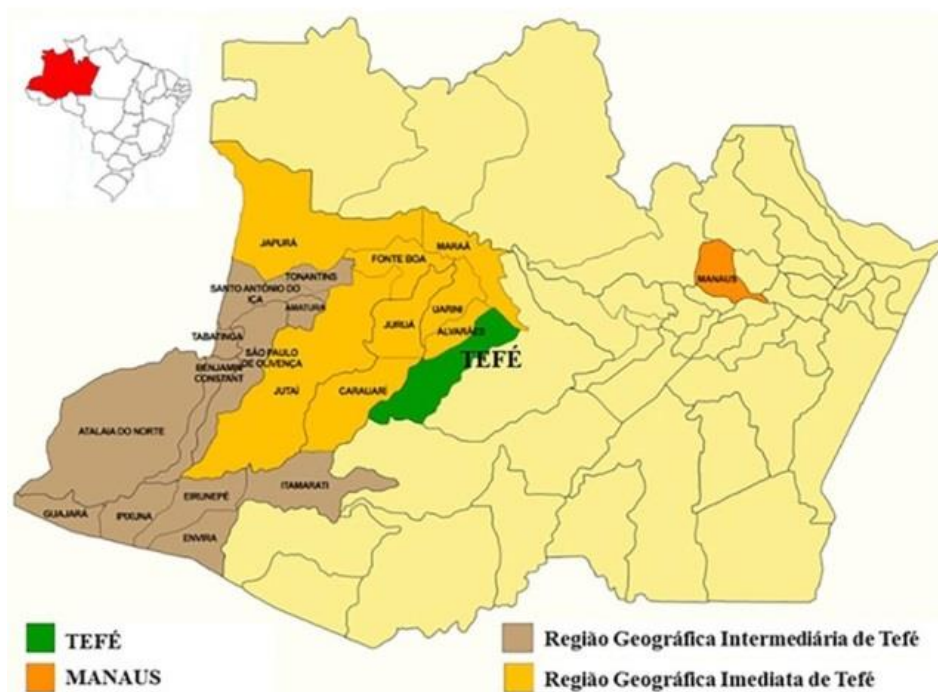
INTRODUÇÃO

As águas do lago de Tefé no Amazonas atuam como um palco para as diversas atividades econômicas e sociais úteis para a rede da circulação regional. Desde quando o avião Catalinada Panair do Brasil S.A pousava no lago em 1941 efetuando voos semanais entre Manaus, Tefé e Iquitos no Peru (PESSOA, 2005); até o período atual quando o “Feirão de Fábrica Chevrolet a Bordo” realizado a partir de 2018 em uma balsa fluvial ofertando veículos para clientes advindos de cidades da Região Geográfica Imediata e Intermediária de Tefé (IBGE, 2017), o respectivo lago urbano de Tefé demonstra sua potencialidade intrínseca (COSTA, 2008); corroborando para uma “produtividade espacial” (SANTOS, 1996, p. 248) na região do Solimões

¹ Professor Adjunto da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Pós-doutor, Doutor e Mestre pela Universidade de São Paulo (USP). Especialista em Recursos Naturais e Meio Ambiente e licenciado em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Email: kssqueiroz@gmail.com

na Amazônia a partir de sua posição estratégica na borda territorial amazônica (Figura 1).

Figura 1 – Tefé e suas grandes regiões geográficas brasileiras



Fonte: Elaboração própria com base de dados do IBGE (2017).

A força do uso da palavra “lago” pelas populações ribeirinhas do Amazonas definiu estes subespaços pertinentes aos rios afluentes do gigante Solimões, segundo nome dado ao maior rio do mundo em volume d’água, o rio Amazonas, depois do *Marañon* peruano. Enfatiza-se que o lago de Tefé representa uma fração do rio Tefé, ou seja, este “lago” assim como tantos outros “lagos” que banham cidades circunvizinhas são rios em forma de “rias”, um conceito geomorfológico utilizado para designar um rio ou vale afogado pelo mar; portanto, é um conceito litorâneo utilizado para ambientes fluviais (SILVA (et alii), 2017, p.11.790). Neste sentido, Sioli (1985) chamou de *riverlake* para os afluentes do rio Amazonas ou Solimões, verdadeiros rios/lagos.

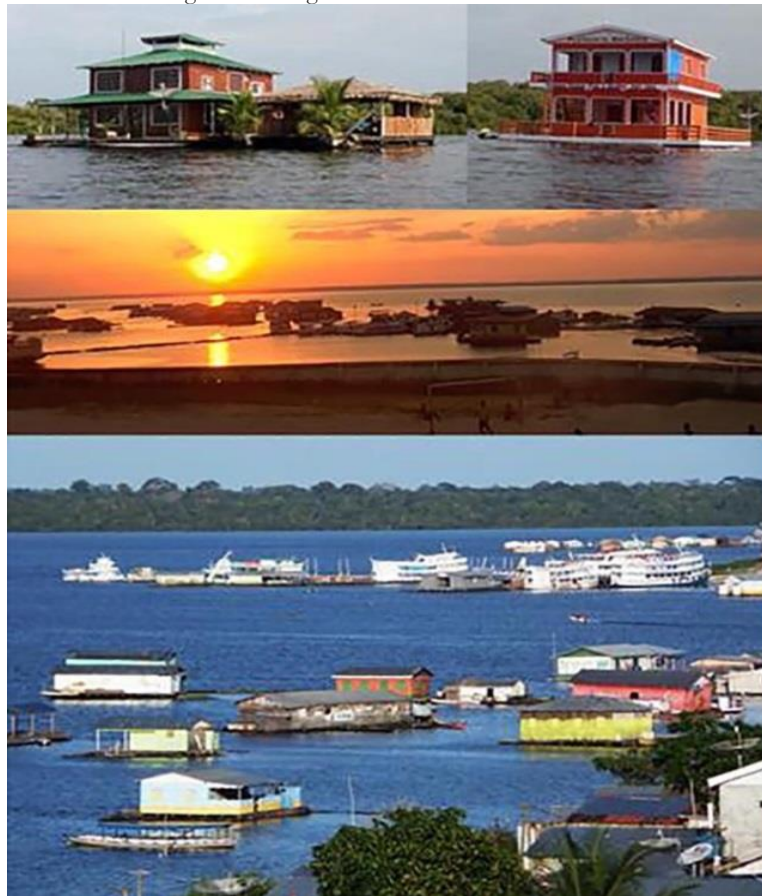
Quando estas frações fluviais estão próximas às cidades supridas com fluxos frequentes de firmas e pessoas tendem a ser ocupados por tradicionais estruturas flutuantes, onde pessoas residem e trabalham, constituindo assim um lago urbano, em razão dos agentes provenientes da cidade ou da rede urbana agirem e se relacionarem com os agentes flutuantes desta porção fluvial do centro urbano.

Entrementes, em espaços letárgicos (SILVEIRA, 1999a), o “urbano nem sempre é a cidade” (LEFEBVRE, 1999, p.49), assim como o moderno nem sempre é o novo (SANTOS, 1999); outras expressões territoriais se manifestam em função da ausência do ser e da carência de objetos técnicos contemporâneos, corroborando para a existência de “outras racionalidades” (SILVEIRA, 1999a, p.446). Todavia, a técnica e a ideia que as movem são as mesmas, advindas da mesma força vital, a economia-mundo.

Sob processos espaciais distintos a “centralidade periférica” exercida por Tefé na Amazônia (QUEIROZ, 2016), particularmente na região do Solimões no estado do Amazonas, permite

ao seu lago urbano reunir agentes espaciais que efetuam relações em escalas locais, regionais e nacionais por intermédio do transporte fluvial e das atividades institucionais, comerciais e de serviços desenvolvidas. Neste contexto, o lago urbano de Tefé representa a fração fluvial da cidade constituída por 491 flutuantes que exercem funções domiciliares, institucionais, comerciais e de serviços (Figura 2).

Figura 2 – O lago urbano de Tefé no Amazonas



Fonte: Arquivo do autor, 2021.

A hipótese de que os flutuantes do lago urbano de Tefé promovem uma territorialidade flutuante proveniente de uma urbanidade fluvial vinculada às relações entre agentes do lago e da cidade orienta esta discussão geográfica. Esta territorialidade flutuante se realiza como um produto das ações de agentes locais e regionais bem como de uma “dispersão urbana” (TRINIDADE JR, 2015, p. 95) gerada pela ampliação territorial das atividades oriundas da cidade via o aumento da população e da rede urbana regional. Desta maneira, o lago urbano de Tefé, assim como outros lagos urbanos de cidades do Amazonas como Coari e Manaus, representa uma “expressão territorial amazônica” a ser analisada à luz da teoria geográfica.

A partir desta contextualização, enfatiza-se que este artigo visa compreender e discutir o papel dos flutuantes do lago urbano de Tefé para o desenvolvimento regional e a integração territorial da região do Solimões no Amazonas. A metodologia deste estudo adotou o levantamento bibliográfico e documental e o trabalho de campo para levantamento de dados primários e secundários a partir de entrevistas com membros tanto da comunidade flutuante do lago quanto com agentes da cidade como: comerciantes, empresários, trabalhadores e arma-

dores de embarcações regionais.

Este artigo providencia subsídios para compreender determinadas relações socioespaciais em lugares periféricos amazônicos. Isso se realiza via o conhecimento das atividades que providenciam uma diversificação das funções dos flutuantes nos rios amazônidas como o lago urbano de Tefé, contribuindo para geração de emprego e renda bem como inserção social; fatores que corroboram para a integração territorial e o desenvolvimento regional nesta fração periférica do território brasileiro.

URBANIDADE FLUVIAL: O LAGO URBANO DE TEFÉ

Não é de hoje que flutuantes de lagos urbanos com funcionalidades diferenciadas são objetos de análise social no estado do Amazonas. A ocupação, o desenvolvimento e as características do cotidiano das águas urbanas de Manaus durante o período em que a “Cidade Flutuante” existiu entre os anos de 1920 e 1967 foram estudadas por muitos intelectuais, destacando-se Souza (2010; 2016) e Salazar (1985). Neste período, o lago urbano de Manaus foi o destino de muitos indivíduos provenientes tanto da cidade de Manaus quanto do interior do maior estado brasileiro em extensão territorial, propiciando em 1966 uma população de 11.400 pessoas (SOUZA, 2016, p.125). A cidade flutuante de Manaus acabou sendo “removida” pelos governos de Arthur César Ferreira Reis e Mário da Costa Paiva entre 1964 e 1967 via políticas de reassentamento populacional em função de ter sido considerado um lugar apto a simbolizar precariedade (SALAZAR, 1985).

Atualmente, situações geográficas (SILVEIRA, 1999b) que provocam a ocupação das águas dos rios por moradores flutuantes ocorrem em várias cidades do Amazonas como Coari, Manaus, Tapauá e Tefé, constituindo comunidades flutuantes demograficamente significativas. No entanto, o caso da dinâmica dos flutuantes do lago urbano de Tefé se destaca por esta cidade se configurar como o maior centro urbano do Solimões no Amazonas (IBGE, 2013). Esta ocupação e uso do território fluvial próximo à cidade de Tefé provêm da valorização da posição estratégica deste município na rede de fluxos da circulação regional, dinâmica relevante desde o século XVIII (QUEIROZ, 2015).

O primeiro relato sobre o lago de Tefé é direcionado pelo frei jesuíta Cristóbal de Acuña escriba da grande expedição da conquista portuguesa do vale do Amazonas comandada por Pedro Teixeira em 1638: “são terras (...) ocupadas pela nação dos Curuziraris, num espaço de oitenta léguas, arvoredos não muito frondosos e abundantes lagos, e prometem muitas e boas comodidades aos que povoarem” (ACUÑA, 1994, p.129).

Entrementes, é no relato da expedição dos cientistas alemães Baptiste Von Spix e Carl Friedrich Phillip Von Martius de 19 de novembro de 1819 que se percebe as vantagens do lago de águas pretas durante o trajeto no traçozeiro Solimões de águas barrentas com correntezas fortes e insetos numerosos; estes narram que durante seu trajeto no rio Solimões encontram o rio Tefé e, posteriormente:

(...) o majestoso lago tranquilo, com suas praias de areia alva, limpa, e mais para o interior cercado de pujante mata, cuja fronde se arqueia imóvel em cúpula no azul do céu, dava a impressão extremamente aprazível. (...). A vila de Ega distante duas léguas da sua Foz, está situada na margem oriental deste alargamento em forma de lago do rio Tefé, justamente no ponto em que se encontra a maior largura, uma milha alemã (SPIX e MARTIUS, 1976, p.160/161).

Spix e Martius (1976, p.163) afirmam que o “empório comercial do Solimões” era a Vila de Ega (atual Tefé) bem como declaram que europeus tais como ingleses e comerciantes do Pará, estabeleceram sucursais em Tefé, onde vendiam seus artigos manufaturados aos moradores e comerciantes locais e compravam os artigos regionais pertinentes às drogas do sertão, especificamente: açafraão, salsaparrilha, urucum, óleos que servem como remédios, gomas e resinas perfumadas, etc. Estes produtos provinham dos rios Japurá, Juruá, Jutai, províncias peruanas e os muitos afluentes do rio Solimões e comercializados pelos vendedores fluviais em Tefé, os regatões. Estes fluxos comerciais proporcionaram significativo desenvolvimento regional em função da posição estratégica de Tefé no Vale do Amazonas atraindo o interesse do Estado em estabelecer instituições públicas em seus setores contábeis, administrativos, militares e policiais corroborando para a integração regional (MARCOY, 2001).

O pesquisador inglês Henry Walter Bates relata que o lago de Ega (Tefé) se configurava como “uma magnífica extensão de água com mais de sete quilômetros de largura - formado pelo trecho mais largo do Tefé” (BATES, 1979, p.200). No ano de 1854 Ega/Tefé era a vila mais comercial da Província subsidiada pelos fluxos de mercadorias importadas do Pará, o comércio de pirarucu e manteiga de tartaruga (PESSOA, 2005, p.49). Posteriormente a este período histórico, o casal americano Agassiz quando de sua passagem em Tefé em 27 de setembro de 1865 narrou:

“Passamos esta manhã várias horas em frente a cidade de Ega, ou Tefé, como chamam os brasileiros. Esse nome vem do Rio Tefé, mas a cidade se acha realmente situada a beira dum pequeno lago que o rio forma imediatamente antes de se reunir ao Amazonas. A entrada do lago é dividida em numerosos pequenos canais e igarapés, e as vizinhanças da cidade são extremamente belas. Larga praia arenosa se estende entre a margem e as habitações que se erguem no flanco de uma verde colina, sobre a qual, coisa rara de ver nesta região, pastam bois e carneiros. É uma vista encantadora e examinamos tudo isso com tanto mais interesse quanto alguns dos nosso terão que aqui voltar e demorar um pouco para fazer coleções (AGASSIZ, 1975, p.131)

Nesta época, a Marinha do Império Brasileiro utilizava o lago de Tefé no Vale do Amazonas para aportar embarcações militares advindas de portos nacionais e estrangeiros como a missões internacionais da Armada Imperial provenientes de Lima no Peru (JOBIM, 1937, p.20). Em 1910, dentre as diversas iniciativas relevantes dos missionários Espiritanos holandeses a partir das ações da Prefeitura Apostólica de Tefé destacou-se a construção nas margens do lago de Tefé do “Asilo Orphanológico de Educandos Artífices e Lavradores da Missão”(QUEIROZ, 2015). Mesmo após o encerramento das atividades educacionais no lago, este centro educacional espiritano da Igreja Católica conhecido atualmente como “Missão” é um dos lugares mais proeminentes da cultura e do turismo na região do Solimões.

Esta breve apresentação do uso do lago de Tefé durante a história revela o papel notável da cidade nesta fração do território brasileiro com poucos centros urbanos e muitos municípios gigantes em extensão territorial. Compreender as ações da sociedade global e as repercussões de suas práticas em um determinado lugar expõe a dinâmica do mundo sobre determinado ponto territorial. Neste sentido, Santos (2002, p.112) discute que “cada lugar é definido pela sua própria história, ou seja, pela soma das influências acumuladas, provenientes do passado, e dos resultados daquelas que mantêm maior relação com as forças do presente”. Assim, o processo de produção do espaço urbano se submete ao processo histórico a qual cada território está subordinado, produzindo particularidades na dinâmica das formas espaciais locais.

As contradições expressas na cidade capitalista se configuram como produto, “mas também condição e meio do processo de reprodução do espaço urbano” (CARLOS, 2008, p.255). Isso conduz a uma urbanização e organização espacial própria de cada lugar em função de um desenvolvimento desigual e combinado que impacta de forma específica cada região. No caso das cidades amazônicas, pouco modernas e muito dispersas inseridas em “lugares de tempos esparsos” (QUEIROZ, 2017, p.246) “a convivência de relações, de temporalidades, de espacialidades e de padrões territoriais, (...) faz reconhecer a complexidade do processo de urbanização na região” (TRINDADE JR, 2010, p.119).

Como expressão desta complexidade e de sua capilaridade no território, a urbanização alcançou o lago de Tefé, setor fluvial de uma das primeiras cidades do Brasil (THERY e MELLO, 2009, p.53); promovendo um papel social fundamental à região em razão do vigor espacial proveniente dos deslocamentos constantes efetuados pelos diversos tipos de embarcações da Amazônia procedentes do transporte fluvial com suas valiosas cargas e inúmeros passageiros (Figura 3); dos fluxos de agricultores e pescadores advindos de vários lugares da região que se dirigem para comercializar suas produções na Feira ou no Mercado Municipal de Tefé; somada à fluidez das atividades dos turistas e de outros agentes flutuantes tais como: moradores, servidores públicos, comerciantes, etc. Estas relações acabam por fornecer ao lago de Tefé uma vitalidade urbana, um ânimo ligado à cidade, uma força útil para constituir uma urbanidade fluvial via as atividades flutuantes exercidas.

Figura 3 – Vigor espacial e urbanidade fluvial no lago urbano de Tefé



Fonte: Arquivo do autor, 2021

“O crescimento urbano na cidade contemporânea tende a ocorrer prioritariamente pela ocupação extensiva de áreas anteriormente não urbanizadas, tendendo às configurações urbanas dispersas e fragmentadas” (GONÇALVES, 2010, p.4). Como consequência, em Tefé uma

urbanidade fluvial e híbrida se desenvolve via o uso do espaço fluvial no lago e a sede municipal na cidade realizada pelos respectivos agentes de ambos os meios. Desta forma, uma urbanidade material se efetua em uma “periferia extensa e descontínua” (REZENDE et alii, 2019, p.4) de onde emergem comunidades fluviais constituídas por ribeirinhos urbanos envolvidos em temporalidades diversas expressas no cotidiano do lago, exibindo uma dialética do espaço (SILVEIRA, 1999a), o encontro do urbano e rural; do tradicional e moderno; velho e novo.

Segundo Lefebvre (1999, p.83) “o fenômeno e o espaço urbano não são apenas projeção das relações sociais, mas o lugar e terreno onde as estratégias se confrontam (...) são meios e instrumentos de ação” (LEFEBVRE, 1999, p.83). Sob o contexto tefeense, esta respectiva ação “lefebvrea” pode ser representada pelas relações, articulações e interações oriundas da cidade e realizadas pelas pessoas, firmas e instituições no lago, os respectivos agentes espaciais. Por conseguinte, interesses e necessidades de agentes da cidade se difundem provocando uma reprodução de suas práticas sociais na comunidade fluvial do lago.

Deste modo, os agentes espaciais flutuantes que ofertam funções espaciais no lago urbano de Tefé configuram-se como formas de “coletividades territoriais” (CASTELLS, 2011, p.62) que funcionam como uma continuidade das ações e esforços destes agentes na cidade, um *continuum* operacional, produto do enredamento da sociedade contemporânea que possibilita repercussões socioeconômicas nestas áreas fluviais subjacentes ao centro da cidade. Processo que pode ser verificado quando da valorização, apropriação e uso de determinadas frações do território por ações vinculadas à dinâmica urbana por meio da capacidade de gerar consumo e emprego à população. Estas relações que exibem necessidades mútuas representa uma “produção capitalista do espaço” (HARVEY, 2005), sob circunstâncias de uma “urbanização dependente” (CASTELLS, 2011, p.83) entre agentes de setores territoriais de áreas fluviais periféricas e áreas tradicionais da cidade, impactando de maneiras diferenciadas a integração territorial na região a qual Tefé gere as relações como nó de rede da circulação regional (QUEIROZ, 2017).

Desta maneira, um conjunto de objetos e ações acaba por promover no lago uma urbanidade vinculada a uma simultaneidade de tempos, processos, formas, estruturas, funções e técnicas que inserem esta fração do território fluvial à dinâmica da rede urbana. Neste sentido, ocorre uma “socialização capitalista territorialmente ampliada” (SANTOS, 1996, p.254) onde uma autonomia relativa entre subespaços passa a uma interdependência crescente. Isto se realiza em decorrência de uma flexibilização do território, onde “formas geográficas” (SANTOS, 1996, p.252) representadas pelos flutuantes contribuem para o aumento do consumo frente à rigidez das formas mercantis existentes na cidade. Destarte, a identificação e compreensão da atuação das funções espaciais dos flutuantes presentes no lago urbano de Tefé proporcionam refletir sobre o aprimoramento da circulação, base dos subsídios que corroboram para a integração territorial e o desenvolvimento regional a partir da dinâmica espacial (QUEIROZ, 2017).

TERRITORIALIDADE FLUTUANTE E A DINÂMICA DO ESPAÇO FLUVIAL

A presença de flutuantes em determinados setores exhibe a tentativa de agentes privados e públicos de controlar e gerir as relações no lago urbano de Tefé. A atuação de flutuantes institucionais militares como da Capitania dos Portos e civis como do Instituto de Desenvolvi-

mento Sustentável Mamirauá bem como flutuantes privados como os Pontões expressam essa prática espacial (CORRÊA, 2007). Estes agentes acabam por produzir uma centralidade fluvial em suas operações que ultrapassa os limites territoriais do lago urbano de Tefé exibindo laços importantes para a integração territorial e o desenvolvimento regional.

Sack (2013, p.76) define territorialidade como: “a tentativa, por indivíduo ou grupo, de afetar, influenciar, ou controlar pessoas, fenômenos e relações, ao delimitar e assegurar seu controle sobre certa área geográfica” (SACK, 2013, p.76). Este autor também discute que muitos territórios podem ser fixos e outros podem mover-se, ou seja, são flutuantes, territórios móveis (IDEM, p.79). Raffestin (1993, p.161) discute a territorialidade sob um aspecto diferenciado quando afirma que esta é “constituída de relações mediatizadas, simétricas e dissimétricas com a exterioridade, (...) se inscreve no quadro da produção, da troca e do consumo das coisas. (...) uma relação diferenciada com os outros atores”.

Enfim, a territorialidade se realiza como uma “idiosincrasia do espaço”, como se este reagisse às formas como as ações e objetos se realizam a partir das relações direcionadas.

A territorialidade flutuante se realiza a partir das ações de agentes da iniciativa privada no atender a uma flexibilização mercantil proveniente da fuga de certos agentes espaciais da rigidez das pretéritas formas espaciais da cidade; isso propicia que se adaptem e aprimorem as infraestruturas e técnicas de trabalho dos flutuantes com o intuito de contemplar a demanda de consumo de produtos e serviços da comunidade flutuante. Assim, o território fluvial se especializa no atendimento de clientes urbanos no lago, tanto a procura quanto a oferta buscam atender consumidores locais e regionais, promovendo uma “especialização do lugar”(SANTOS, 1996, p.248) via as exigências das novas relações do território a partir das atividades efetuadas pelos flutuantes no lago. Sob este contexto, apesar de ser notória uma divisão territorial do trabalho regional com valorização das tradições caboclas em Tefé, determinados setores absorvem técnicas e objetos de uma racionalidade globalizada com usos e admissão de regras, normas e regulações advindas de lugares distantes; ou seja, atividades mais complexas no lago são efetuadas via a especialização do lugar que consubstancia uma territorialidade flutuante. Por conseguinte, flutuantes com atividades contemporâneas mais complexas se estabeleceram frente à dinâmica de demandas existentes, tais como: postos de combustíveis ou pontões; oficinas com tornos industriais de conserto de motores e fabricação de peças para embarcações, veículos e pequenas aeronaves no lago; determinadas instituições como o Exército, Mamirauá, etc. Bem como flutuantes com atividades urbanas tradicionais atuam no lago, tais como: mercearias, fábricas de gelo, entrepostos de pesca, restaurantes, bares, igrejas, etc.

Sendo assim, para se conhecer e identificar as atividades realizadas no lago urbano teferense propõe-se classificar as funções flutuantes a partir dos elementos espaciais disponíveis no lugar (SANTOS, 1985; QUEIROZ, 2016), reconhecidas como funções: i) institucionais; ii) comerciais; iii) de serviços; iv) domiciliares (Tabela 1).

Tabela 1 – A classificação das funções dos flutuantes no lago urbano de Tefé

Função	Quantidade	Nome dos Agentes	Número de indivíduos funcionais
Institucional	24	1 – Exército 2 - Capitania dos Portos 3 - Polícia Civil 4 - FUNASA 5 - SESAI 6 - FUNAI 7 - Prelazia de Tefé 8 - Prefeitura de Tefé (2) 9 - Instituto Mamirauá - IDSM (3) 10 - Igrejas da Assembléia de Deus (2) 11 - Igreja da Universal 12 - Sindicato de Catraieiros 13 - Sindicato dos Pescadores 14 - Associação dos Catraieiros JATÃO 15 - Associação dos Catraieiros DC CHAGAS 16 – Associação dos Catraieiros Nossa Senhora da Vitória 17 - Associação Catraieiros da Ponta Branca 18 - Cooperativa dos Catraieiros de Tefé 19 – Flutuante do “Cais de Tefé” 20 - Colônia dos Pescadores	92
Comercial	41	1 – Frigoríficos (8) 2– Mercados (12) 3 – Mercarias (15) 4 – Pontões (6)	168
Serviços	99	1 – Catraieiros (5) 2 – Oficinas (Indústrias-Serviço) (15) 3 – Transportadora 4 - Técnico de informática/celular 5 – Carreira/estaleiro (2) 6 – Costureira (3) 7 – Cabelereiro (2) 8 – Fábricas de gelo (8) 9 – Entrepostos de pesca (9) 10 – Vendedores informais de combustíveis (13) 11 – Terminal das Lanchas Ajato 12 – Depósitos (15) 13 – Atracadouros ou Marinas (18) 14 – Balsa-porto 15 – Bares e restaurantes (5)	321
Domiciliares	113	Domicílios e suas respectivas famílias	555
TOTAL	276 agentes flutuantes		1.136 pessoas

Fonte: Secretaria Municipal de Administração Geral, Planejamento de Finanças de Tefé; Secretaria Municipal de Saúde de Tefé. Elaboração própria a partir do Trabalho de campo, 2020.

Dos 491 flutuantes existentes no lago urbano de Tefé, 200 são reconhecidos pela Capitania dos Portos por intermédio do registro chamado NADAOPOR, constituído por dados técnicos estruturais e sua posição geográfica no lago; ou seja, são 291 flutuantes sem registro NADAOPOR, geralmente são acoplados a outros flutuantes ou se encontram em construção, avariados ou mesmo abandonados.

Há 276 agentes flutuantes atuando com funções definidas no lago e 1.136 indivíduos funcionais trabalhando ou vivendo nestes flutuantes. Ressalta-se que a cidade de Tefé possui 50.069 dos seus 61.453 habitantes na área urbana, 81,55% de sua população (IBGE, 2013).

Nos 113 flutuantes com funções domiciliares, 555 pessoas cadastradas recebem visitas de agentes da Secretaria Municipal de Saúde de Tefé assim como os ribeirinhos das 107 comunidades tradicionais da zona rural do município de Tefé (QUEIROZ, 2020). No entanto, os ribeirinhos urbanos domiciliados no lago urbano possuem acesso aos serviços da embarcação operacionalizada como Unidade Básica de Saúde Fluvial, contam com coleta de lixo e acesso

à energia elétrica da concessionária Amazonas Energia via cabos submersos ou geradores de energia movidos a diesel ou gasolina. Nestes flutuantes com eletricidade os moradores utilizam eletrodomésticos convencionais e usufruem de serviços de TV a cabo e/ou parabólica e telefonia celular de onde acessam a internet via o uso de smartphones. Situação geográfica que promove o uso de técnicas da comunicação e informação no lago a partir da apropriação de tecnologias e objetos adaptados a funcionar nestes lugares fluviais.

As estruturas dos flutuantes revelam a técnica cabocla no uso de madeiras adequadas à sua construção², material acessível na “floresta urbanizada” (BECKER, 1982). Cada flutuante é fixado por uma corda reforçada amarrada em um grande bloco de concreto chamado “poita”. Estes “objetos técnicos flutuantes” representam formas geográficas amazônicas submetidas às modernizações do território. Como produto dessa modernização, os flutuantes de ferro operacionalizam “Pontões” e entidades civis. Estes são mais custosos e possuem melhor estabilidade, entretanto menor durabilidade, inferior aos 30 anos de um flutuante de madeira, objetos rugosos, resistentes e eficientes no atender das demandas e funcionalidades contemporâneas em espaços letárgicos.

As funções institucionais no lago urbano de Tefé são desempenhadas por 24 flutuantes onde atuam instituições públicas federais, estaduais e municipais ocupando 92 pessoas. É o lago urbano que possui mais instituições no Solimões, pois o lago urbano de Coari, segundo maior lago urbano na região com 219 flutuantes, possui apenas 5 instituições. Dentre as instituições civis flutuantes em Tefé se destaca o conjunto de flutuantes de madeira e de ferro do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM); entidade com relações internacionais efetuadas a partir de sua base de apoio fluvial no lago utilizado por pesquisadores e ecoturistas advindos de vários lugares do Brasil e do mundo com destino à “Pousada Uacari”, localizada na Unidade de Conservação fora do território tefeense.

Do flutuante da Capitania dos Portos as atividades de fiscalização se irradiam para os municípios dos rios Japurá, Juruá, Alto e Médio Solimões. Além disso, subsidia operações da Marinha de Guerra do Brasil, Polícia Federal e Militar, juntamente com a Polícia Civil que possui flutuante próprio. As instituições federais: Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI); Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) compartilham suas estruturas flutuantes com outras instituições estaduais e locais como a Secretaria Municipal de Saúde.

A Prelazia de Tefé realiza a partir do lago as ações da Igreja Católica em uma jurisdição territorial que abrange municípios dos rios Juruá, Japurá, Jutá e Solimões. Há duas igrejas evangélicas flutuantes frequentadas por moradores do lago. Nos flutuantes do sindicato, da cooperativa e das quatro associações de catraieiros, a gestão dos interesses destes profissionais do transporte no lago é efetuada. O sindicato e a Colônia dos Pescadores de Tefé, a “Z4”, norteiam as atividades e trabalhadores dos entrepostos de pesca no lago. Enfatiza-se que o flutuante do mercado municipal que recebe produtos e mercadorias dos agricultores e pescadores da região para venda na cidade também são usados por agentes de saúde, da Prefeitura de Tefé juntamente com o flutuante da FUNASA. Este cenário mostra a complexidade de

² As toras da madeira açacu ou assacu (*Hurucupitans*) são utilizadas como bóias que flutuam sustentando a casa. As vigas que apoiam o piso e paralelas às bóias são edificadas tradicionalmente com a madeira piranheira (*piranheatrifoliata* Bajou-*Euphorbiaceae*); ambas equilibram o peso da estrutura proporcionando estabilidade à casa flutuante. As paredes em sua maioria são feitas de gitó (*Guareatrichiloides*) ou Itaúba (*Mezilaurus itauba*); poréma jacaréuba e a castanheira também são utilizadas na construção, com menor frequência.

agentes institucionais de diferentes níveis que utilizam a posição estratégica do lago urbano de Tefé na região do Solimões para estabelecer a sede de suas respectivas operações (Figura 4).

Figura 4 – Avidéz institucional, comercial e de serviços no lago urbano de Tefé



Fonte: Arquivo do autor, 2021

Enfatiza-se que a dinâmica espacial vinculada às atividades flutuantes provoca acumulação de funções a partir de um mesmo flutuante. Desta maneira, os flutuantes domiciliares além de moradias também efetuam funções de serviços como: depósitos, atracadouros, mercearias, pequenos restaurantes e bares, “lava jato”, etc. O uso de um mesmo flutuante por várias instituições de hierarquias diferentes é comum, proporcionando que serviços de atracação sejam realizados em flutuantes da FUNASA, da Secretaria Municipal de Saúde e da Polícia Militar, por exemplo.

Esta reflexão leva ao que Santos (1985, p.17) define como “intercambialidade de funções”; esta ocorre quando “os homens podem ser tomados como firmas ou como instituições, da mesma maneira que as instituições aparecem como firmas e estas como instituições” (SANTOS, 1985, p.17). Neste sentido, há uma “intercambialidade das funções” no lago urbano de Tefé via o limitado número de estruturas flutuantes disponíveis no lago e as demandas relevantes por suas respectivas funcionalidades ofertadas.

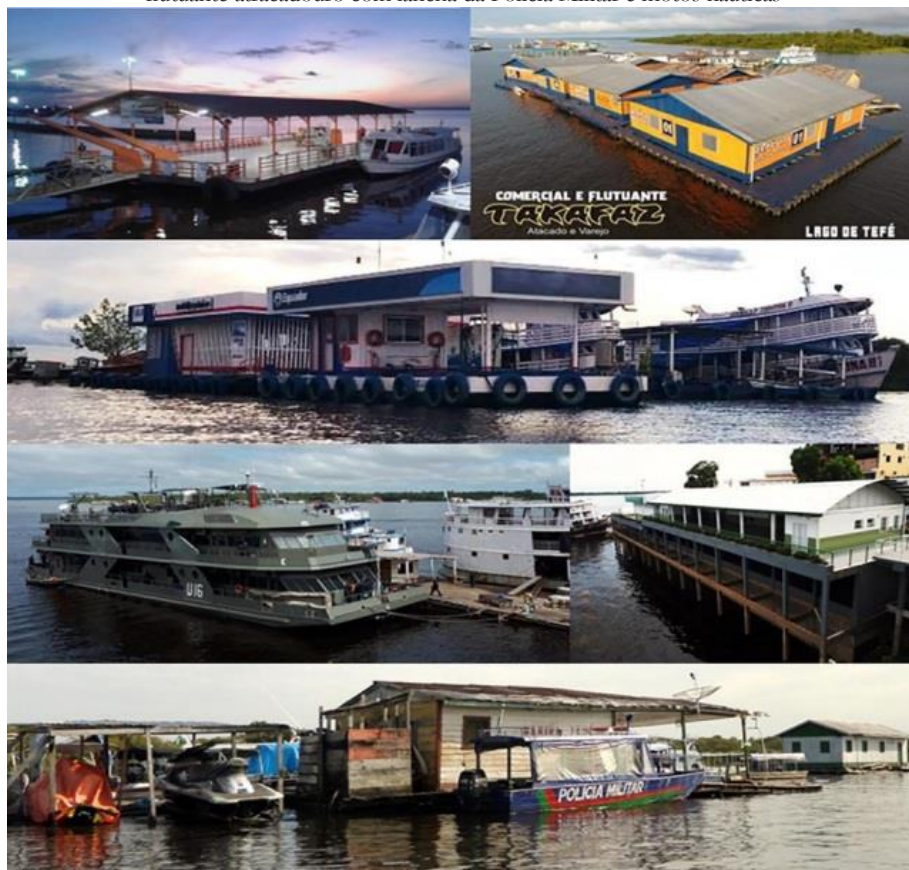
Por conseguinte, os 41 flutuantes com funções comerciais proporcionam ocupação laboral para 168 pessoas no lago urbano de Tefé. Os 8 frigoríficos mantêm a contratação de 76 funcionários para suas atividades. O Frigorífico “Frigopeixe” se destaca neste setor fluvial com 20 funcionários fixos e possibilidade de contratação de uma centena pessoas de acordo com a produção em determinados períodos do ano. Esta empresa possui escritórios em Tefé, Manaus e São Paulo enviando peixes para estados de São Paulo, Goiás, Minas Gerais, Distrito Federal e Pará; também possuem relações que viabilizam exportações para a Colômbia, Peru, países da Europa e Estados Unidos (QUEIROZ, 2017).

Os 6 pontões no lago de Tefé ocupam 30 funcionários, representando os objetos técnicos

mais modernos do lago tanto em técnicas de operação quanto em estrutura. Esses postos de combustíveis flutuantes comercializam: combustíveis, botijões de gás, artigos de mercearia, apetrechos para pesca profissional e amadora; alguns oferecem serviço como atracadouros e depósitos.

Dentre os agentes comerciais atacadistas e varejistas que empregam 48 pessoas, distingue-se o “Atacadão Takafaz”, um aglomerado de flutuantes com clientes ribeirinhos das comunidades dos rios Tefé, Solimões e Japurá assim como de mercearias e consumidores da cidade, funcionários públicos, principalmente militares, advindos de outras regiões do país vinculados à 16ª Brigada de Infantaria de Selva em Tefé (Figura 5). Há 30 pequenas mercearias no lago; empregam 30 pessoas produzindo rentabilidade relativa ao comércio flutuante local.

Figura 5 – O terminal do Ajato; o atacadão Takafaz; um dos pontões do lago; o cais de Tefé; e um flutuante atracadouro com lancha da Polícia Militar e motos náuticas



Fonte: Arquivo do autor, 2021

Os flutuantes com função de serviços são extremamente importantes em razão de empregar 321 pessoas a partir de 99 flutuantes no lago tefeense. O setor de transportes fluvial local é expresso pelos serviços das tradicionais catraias: canoas de madeira com motor rabeta entre 3 e 12 HP; e voadeiras: botes de alumínio com motores mais potentes do que das catraias, entre 40 a 90 HP. Os 121 catraieiros profissionais registrados também realizam viagens para fora dos limites do lago urbano de Tefé como para Vila de Nogueirano município de Alvarães, e para a cidade de Urini e suas comunidades vizinhas. Enfatiza-se que os municípios de Alvarães e Urini compõem juntamente com Tefé a Microrregião de Tefé, cidades inseridas em sua Região Geográfica Imediata. Fatores tais como: os valores acessíveis aos passageiros (em sua

maioria com baixo poder aquisitivo) bem como os importantes fluxos estabelecidos no lago permitem reconhecer as catraias e voadeiras como os principais agentes de integração local; contribuem para centralidade fluvial no lago, dinamizando e subsidiando o transporte fluvial regional com os grandes navios, balsas e lanchas Ajato (QUEIROZ, 2020).

Há serviços informais no lago, como a venda de combustível ofertado em 13 flutuantes domiciliares; isso ocorre em função da possibilidade de alguns residentes do lago comprarem combustíveis mais baratos nos pontões, adquirem em baldes e revendem em garrafas para catraieiros e moradores locais; outro exemplo é dos inúmeros vendedores ambulantes que oferecem produtos e aperitivos regionais remando em suas canoas entre os flutuantes e as embarcações. Estas atividades também podem ser reconhecidas como pertencentes ao circuito inferior da economia urbana (SANTOS, 1979), são úteis na geração de ocupação laboral e renda aos moradores do lago.

Todavia, destacam-se no lago urbano de Tefé os serviços oferecidos pelas 15 oficinas que produzem 45 empregos; se assemelham com as atividades que Santos (2002, p.66) chama de “indústrias-serviço”, entendidas como: “oficinas de conserto de veículos, suscetíveis a transformar-se em oficinas metalúrgicas, chegando até alimentar indústrias modernas com dificuldades de prover peças sobressalentes”(SANTOS, 2002, p.66). Neste sentido, estes flutuantes ofertam serviços mecânicos e produzem peças (de alumínio) para veículos diversos, como embarcações e até pequenas aeronaves quando encomendadas por empresas aéreas regionais sediadas em Tefé (QUEIROZ, 2018). Estas indústrias-serviços flutuantes estão equipadas com tornos industriais e experiência técnica de seus mecânicos com hábil conhecimento deste equipamento, alguns oriundos de diferentes estados brasileiros; também produzem escadas, janelas, portas, serviço de vidraçarias, etc. Seu público alvo ou clientela principal, os proprietários de embarcações e pessoas com necessidades de reformas domiciliares, se deslocam da cidade para o lago, criando fluxos intra-urbanos significativos, atraindo, conseqüentemente, clientes de cidades circunvizinhas de Tefé para contratarem seus serviços no lago urbano.

Dentre os flutuantes de serviços, o terminal das Lanchas Ajato representa um objeto técnico proveniente de uma modernização do transporte fluvial no Solimões via a iniciativa privada (QUEIROZ, 2019a). Trata-se de um flutuante privado de ferro que socializa suas estruturas e serviços com outros agentes do transporte fluvial regional, atuando como um pequeno cais frente à precária estrutura portuária da região, oferecendo: gerador de energia, em função às suscetíveis interrupções de energia elétrica que ocorrem em todos os 62 municípios do Amazonas (QUEIROZ, 2012); guichê de vendas de passagens; escada para embarque e desembarque de idosos e crianças; acesso facilitado no período de seca (praia) e de cheia dos rios. Além de utilizarem técnicas e organização convencionais como: lanche, cadeiras de espera, disponibilidade de carregadores, taxistas, etc. (QUEIROZ, 2019b, p.337).

Neste contexto, os serviços da balsa-porto do Cais de Tefé e os 18 flutuantes que desempenham o papel de atracadouros e depósitos, operacionalizam 24 funcionários. Flutuantes do setor de entretenimento geram fluxos significativos, com 5 bares e restaurantes com 18 empregados, aumentam o número de contratações de funcionários temporários no período da cheia dos rios quando o fluxo de clientes se intensifica. Nos 9 flutuantes com função de entrepostos de pesca, compradores de peixes de escama e peixes lisos proporcionam emprego para 18 funcionários; a sazonalidade na contratação de funcionários temporários permite triplicar essas admissões quando do aumento da produção piscosa; além do mercado de Tefé estes flutuantes suprem o abastecimento de mercados de cidades circunvizinhas pertencentes

à Região Geográfica Imediata e Intermediária de Tefé bem como da capital Manaus. As 8 fábricas de gelo atuam em parcerias com os entrepostos, possuem 48 funcionários. Os 15 flutuantes que oferecem os serviços exclusivos de depósitos possuem seus respectivos vigias contratados na cidade. Os 2 flutuantes das “carreiras/estaleiros” de manutenção e reforma de barcos contratam 4 funcionários fixos com admissão de auxiliares quando a frequência de clientes aumenta. Outros serviços permitem o aumento da renda de certas famílias flutuantes com clientela frequente, tais como: costureiras (3); cabeleireiros (2); técnico em informática e celulares e transportadora informal; algumas destas atividades propiciam acessibilidade aos serviços encontrados mais facilmente em concentrações urbanas e geram deslocamentos internos na comunidade flutuante; exibindo uma prática urbana vinculada ao cotidiano de lugares onde a presença do meio geográfico contemporâneo é maior.

Sendo assim, evidencia-se que as atividades realizadas pelos agentes flutuantes no lago urbano de Tefé se comunicam com as demandas da cidade, complementando-as em alguns setores, principalmente, institucionais, comerciais e de serviços. Isso ocorre por intermédio do uso das funções espaciais flutuantes que somadas às inerentes potencialidades intrínsecas do território tal como a sua posição privilegiada na rede de fluxos na região promove uma produtividade espacial significativa viabilizada a partir da capacidade dos agentes flutuantes do lago gerar emprego e renda à população da cidade e do lago. Neste sentido, Arroyo (2006, p.77) argumenta que essa produtividade do espaço ou “essa adequação não é espontânea nem automática. Depende cada vez menos, das vantagens de ordem natural que as frações do território oferecem. São vantagens construídas as que, crescentemente, facilitam a obtenção de lucro”.

As funções provenientes das estruturas flutuantes no lago urbano de Tefé corroboram para a difusão do “espectro urbano” (LEFEBVRE, 2001, p.100) sob um contexto amazônida, onde as especificidades do território possibilitam a apropriação das águas circunvizinhas ao centro da cidade pela rede urbana com relações locais e regionais. Uma urbanidade fluvial se realiza nestes “espaços lânguidos” via as ações de vários agentes; territorializando as águas por meio dos flutuantes que em suas atividades acabam por difundir os “ventos” de uma globalização menos densa, uma “globalização relativizada” (SANTOS e SILVEIRA, 2001, p.257) propiciando a especialização dos lugares via a adequação de pretéritos objetos técnicos flutuantes amazônidas atuando em funções diferenciadas e contemporâneas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo promove subsídios para compreender a dinâmica socioespacial promovida pelos flutuantes no lago urbano de Tefé no Amazonas. Este território fluvial usado pelos objetos técnicos ou formas geográficas flutuantes com funções espaciais diversas geram emprego e renda à população local e regional além de contribuir para a circulação regional.

Constatou-se que a territorialidade flutuante é proveniente de uma urbanidade fluvial baseada nas trocas e interações entre os agentes flutuantes do lago, da cidade e região; isso promove uma repercussão dos resultados econômicos e sociais efetuados tanto na cidade quanto no lago e região via as atividades vinculadas às funções espaciais flutuantes institucionais, de serviços, do comércio e domiciliares. Estas subsidiam o abastecimento de combustível às embarcações do transporte fluvial regional via os pontões; abastecem inúmeras mercearias, comércios e domicílios da cidade e região via os atacadões comerciais; contribuem para a produção

de serviços metalúrgicos úteis aos vários segmentos de manutenção de máquinas, motores, móveis e utensílios produzindo fluxos regionais ao lago por intermédio das “indústrias-serviço flutuantes”; e gerem as operações logísticas institucionais de diversos órgãos públicos de escalas federal, estadual e municipal por meio das atividades dos flutuantes institucionais; fatores cruciais para a integração territorial e ao desenvolvimento regional nesta fração da região amazônica distante dos grandes centros econômicos e políticos do país.

Verificou-se que os flutuantes tradicionais de madeira e de ferro são objetos técnicos representantes de uma especialização do lugar a partir da capacidade de adaptação às demandas contemporâneas que se apresentam; isso contribui para a dinâmica dos agentes espaciais flutuantes que repercutem seus resultados econômicos e sociais com toda a região via as funções espaciais a eles atribuídas, principalmente, institucionais, de serviços e comerciais.

Talvez estejam nos pequenos lugares as respostas para os problemas relacionados aos aprimoramentos da dinâmica da produção das grandes cidades, pois são nesses lugares esquecidos pelo grande capital que ainda se encontram a solidariedade e a capacidade de irradiação de ganhos, de socialização de bens e difusão de sentimentos; habilidade muitas vezes esquecida e até mesmo perdida em lugares com relações mundiais onde a ânsia por acumulação proveniente de determinados agentes espaciais provoca entropias sociais, verticalidades regionais e fragmentação territorial.

Sendo assim, parece que os lugares com restrita densidade de técnicas, objetos e ações, longe dos grandes centros econômicos do mundo, assumem certo valor no período histórico atual da globalização. A invisibilidade destes lugares letárgicos e da ação de seus objetos quase invisíveis atuando em regiões longínquas esconde a solidariedade que movimenta o espaço promovendo esperança e capacidade de criar funções espaciais em meio ao escasso, ao distante e ao precário; tal qual o lago urbano de Tefé no Amazonas.

REFERÊNCIAS

- ACUÑA, Cristóbal de. **Novo descobrimento do grande rio das Amazonas**. Tradução: Helena Ferreira, Revisão Técnica: Moacyr Werneck de Castro, Revisão: José Tedin Pinto. Rio de Janeiro: Agir, 1994.
- AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil: 1865 – 1866**. Tradução de João Etienne Filho. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.
- ARROYO, Mónica. Dinâmica territorial, circulação e cidades médias. In: SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Emcarção Beltrão; SOBARZO, Oscar. **Cidades médias: produção do espaço**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- BATES, Henry Walter. **Um naturalista no rio Amazonas**. Tradução: Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- BECKER, Bertha K. **Geopolítica da Amazônia**. Rio de Janeiro, 1982.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re) produção do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 2008.
- CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011 [1972].
- CORRÊA, Roberto Iobato. Diferenciação sócio-espacial, escala e práticas espaciais. **CIDADES**. v. 4, n. 62 6, p. 62-72, set. 2007.

- COSTA, Wanderley Messias da. Ordenamento territorial e Amazônia: vinte anos de experiência de zoneamento ecológico e econômico. In: BATISTELLA, Mateus; MORAN, Emílio F.; ALVES, Diógenes S. (orgs.). **Amazônia: natureza e sociedade em transformação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- GONÇALVES, Alice Rauber. Urbanidade e as novas configurações urbanas. In: I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (I ENANPARQ). **Anais**, p.1-10, Rio de Janeiro: ENANPUR/UFRJ, 2010.
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Atlas do Censo 2010**. Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias – 2017**. Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.
- JOBIM, Anísio. **Panoramas amazônicos III – Tefé**. Manaus: TYP Phenix, 1937.
- LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Tradução: Sérgio Martins. 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999 [1970].
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- MARCOY, Paul. **Viagem pelo rio Amazonas**. Tradução, introdução e notas de Antonio Porro. Manaus: Edições do Governo do Estado do Amazonas, Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto e Editora da Universidade do Amazonas, 2001 [1869].
- PESSOA, Protásio Lopes. **História da Missão de Santa Teresa Dávila dos Tupebas – Tefé**. Manaus: Editora Novo Tempo, 2005.
- QUEIROZ, Kristian Oliveira de. **Entre motores e velas – os racionamentos e interrupções de energia elétrica no Amazonas**. Curitiba: Editora CRV, 2012.
- QUEIROZ, Kristian Oliveira de. **A formação histórica do território tefeense**. Curitiba: Editora CRV, 2015.
- QUEIROZ, Kristian Oliveira de. Elementos espaciais e centralidade periférica - o caso de Tefé no Amazonas. **Acta Geográfica (UFRR)**, v.10, p.92 - 110, 2016.
- QUEIROZ, Kristian Oliveira de. Globalização e integração territorial – o caso da região de Tefé no Amazonas. **Confins Revue**. Vol. 35. N.35. Paris: 2018.
- QUEIROZ, Kristian Oliveira de. **Integração e globalização relativizada – uma leitura a partir de Tefé no Amazonas**. Manaus: UEA Edições, 2017.
- QUEIROZ, Kristian Oliveira de. As lanchas “ajato” no Solimões: modernização pretérita e integração territorial. **Novos Cadernos NAEA**, v. 22, n. 1, p. 89-109, jan-abr. 2019a.
- QUEIROZ, Kristian Oliveira de. Transporte fluvial no Solimões: uma leitura a partir das lanchas Ajato no Amazonas. **Geosp – Espaço e Tempo (Online)**, v. 23, n. 2, p. 322-341, ago. 2019b.
- QUEIROZ, Kristian Oliveira de. **Modernização pretérita e o vigor do atraso - uma leitura geográfica do transporte fluvial e do uso dos recursos naturais na região do Solimões no Amazonas**. Jundiá: Paco Editorial, 2020.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- REZENDE, Wagner de Souza (et ali). Urbanidade na cidade informal: uma abordagem operativa. In: XVIII Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (XVIII ENANPUR). **Anais**, p. 1-20, Natal: ENANPUR, 2019.
- SACK, Robert David. O significado de territorialidade. In: DIAS, Leila Christina; FERRARI,

- Maristela (Orgs). **Territorialidades humanas e redes sociais**. Florianópolis: Editora Insular, 2013.
- SALAZAR, João Pinheiro. **O Abrigo dos Deserdados**. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.
- SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1985.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. São Paulo: EDUSP, 1979.
- SANTOS, Milton. **O modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial**. Revista Território. Ano IV, nº 6, jan/jun, 1999.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SILVA, Amanda Caroline Cabral da Silva (et alii). Caracterização geomorfológica do “Lago” de Tefé. XII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia - XII Enanpege. **Anais**, p. 11.787-11796. Porto Alegre: out. 2017.
- SILVEIRA, Maria Laura. **Um país, uma região: fim de século e modernidades na Argentina**. São Paulo: FAPESP/LABOPLAN-USP, 1999a.
- SILVEIRA, Maria Laura. **Uma situação geográfica: do método à metodologia**. Revista Território. Ano IV, nº 6, jan/jun, 1999b.
- SIOLI, Harald. **Amazônia - Fundamentos de ecologia da maior região de florestas tropicais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1985.
- SOUZA, Leno Barata. Cidade flutuante uma Manaus sobre as águas. **Urbana: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade**. V.8; N.3, p.115-146, Campinas, mai/ago, 2016.
- SOUZA, Leno José Barata. A “Cidade Flutuante” de Manaus: discutindo conceitos. **AE-DOS**, v. 3, n.6. UFRGS - Porto Alegre, 2010.
- SPIX, Johan Baptiste Von; MARTIUS, Carl Friedrich Phillip Von. **Viagem pelo Brasil (1817-1820)**. Tradução: Lúcia Furquim Lahmeyer, revista por B.F. Ramiz Galvão e Basílio de Magalhães. 3ª Ed. Vol. III. São Paulo: Edições Melhoramentos/Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro/ Instituto Nacional do Livro - MEC, 1976 [1938].
- THÉRY, Hervé e MELLO, Neli. **Atlas do Brasil: desigualdades e dinâmicas do território**. São Paulo: EDUSP e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.
- TRINDADE JR, Saint-Clair da. Cidades na floresta: os “grandes objetos” como expressões do meio técnico-científico informacional no espaço amazônico. **Revista IEB**.Nº: 5, p. 113-137, mar./set. 2010.
- TRINDADE JR., Saint-Clair da. Pensando a modernização do território e a urbanização difusa na Amazônia. **Revista Mercator**. Fortaleza, v. 14, n. 4, número especial, p. 93-106, dez. 2015.